5.º Anno — Lisboa, 26 de Maio de 1890 — Numero 50

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES:—Alberto Pimentel; Alberto Telles; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas, C. Bellem; E. de Barros Lobo *(Beldemonio)*; Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; M. Mesquita; Pinheiro Chagas; S. de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; V. de Monsaraz; V. de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

Texto:—*Chronica*, por Mario Servulo.—*A Patria*, versos, por L. A. Palmeirim.—*O adeus de Schubert*, conto, trad. de D. Guiomar Torrezão. *O retrato*, conto, trad. de Vidigal Salgado.—*Os tres filhos*, conto, trad. de Magalhães Fonseca.—*As nossas gravuras*.—*Stella perduta*, soneto, por Castro.—*Em familia (passatempos)*.—*A rir*.—*Um conselho por semana*.—*Domestica*, versos, por Carlos Sertorio.—*O jubileu da sciencia*, por Camillo Queiroz,

Gravuras:—*Bismarck*.—*O general de Caprivi, novo chanceller allemão*.—*D. Vicente Riva Palacio, ministro do Mexico em Lisboa*.—*O crime do Porto: O dr. Urbino de Freitas, José Antonio de Sampaio Junior, Bertha Sampaio, Mario de Sampaio, Maria de Sampaio, miss Lottie Karter Adolpho Coelho*.—*O conde de Szapary, chefe do gabinete hungaro*.—*Antonio Pereira da Cunha*.

CHRONICA

Não faltaram os acontecimentos. Se alguma coisa faltou, foi a patifa da Primavera, essa *momentanea* gasta em amores e saturada d'aromas, que foi talvez deleitar, lá para os confins da Europa, algum principe russo friorento e ensinar-lhe sensações novas e desconhecidas, farta já de nos prodigalisar caricias mal pagas, em annos preteritos.

Achou isto por cá muito pobresinho, muito pelintra, e foi-se a outras regiões, em busca de quem melhor lhe retribuisse os sorrisos.

Casou talvez morganaticamente, com a mão esquerda, n'algum recanto florido d'esse mundo de Christo, e acha-se gosando a lua de mel nos braços de qualquer pachá do Oriente, rico senhor proprietario de palacios feericos e de pedrarias raras.

Pois gose e divirta-se. Pode ser que, d'esses novos amores, nasçam alguns fructos appetitosos. E quando elles estiverem sazonados, brilhantes, aromaticos, mande-os para cá, envolto n'um braçado de rosas e de ramos de lilazes; ouviu?

Foi debalde que os velhos andaram d'esta vez, por montes e vales, á cata da primavera fugidia. Porque é principalmente nos velhos que ella faz maior falta, a estação galante e peccadora.

Desde que se provou a inefficacia do elixir Brown Sequard a clientella macrobia da Primavera gentil crescera a olhos vistos. Dos cincoenta janeiros para cima, toda a gente punha olhos supplices e esperançosos nos primeiros clarões tepidos do sol de abril.

Dos cincoenta para cima, na generalidade. Em certos casos, que já não podemos chamar sporadicos, do meio seculo para baixo.

Ha de tudo.

Pois a generalidade e a especialidade dos clientes enfermissos ficaram este anno sem experimentar o beneficio da sua unica medicina infallivel.

Em vão os miseros supplicavam, de joelhos, um calorsinho celestial que os desenervasse, que pozesse treguas aos seus entorpecimentos mortificantes.

—Um calorsinho só e... *poi morir*! pediam elles.

Mas a Primavera cruel não vinha e não podia ouvil-os.

E os desventurados debatiam-se em esforços impotentes. E os ecos das suas supplicas perdiam-se, alta noite, no fundo das alcovas penumbrosas, misturando-se com o estridor de imprecações ou de gargalhadas femininas.

Uma lastima!

E ahi está porque as chronicas do amor registram, nos ultimos dois mezes, rompimentos bruscos e tanta perfidiasinha das filhas d'Eva...

A parte senil da população lisboeta, de camaradagem com os libertinos gastos e anemicos da nossa *alta gomma*, queimou os ultimos cartuxos para ver se conseguia obter artificialmente e por meios indirectos, o delicioso calor benefico que a Natureza mãe lhe negava.

D'ahi, o grande successo alcançado na nossa terra pelos pretos de Catumbella, em exposição permanente no pateo do governo civil. Sobre tudo pelas pretas.

Tem caprichos estranhos e indefiniveis o organismo humano. Ha quem recorra á morphina, para levar ao cerebro sensações de bem estar nunca experimentadas. Sob a acção hypnotisante do formidavel toxico, os que o injectaram no sangue julgam-se transportados, como por encanto, a mundos ideaes e chimericos.

Uns, simples pobres diabos, que nunca passaram do terra-a-terra da vulgaridade, imaginam-se semi-deuses. Outros, sonham delicias paradiziacas e inenarraveis. Outros ainda, na embriaguez momentanea do sonho, suppõem-se fortemente amados por uma olympica mulher que não existe.

A breve trecho, a morphina volatilisa-se, e os sonhadores caem de trambolhão na realidade da vida.

Mal comparado, a senectude e a anemia lisboetas vão agora hypnotisar-se para o governo civil na contemplação demorada e lasciva das pretas de Catumbella, umas soberbas estampas de [illegible] côr de ebano, fortes como montanhas de bron-

primitiva, sem a tapadoira discreta de gazes ou folha de vinha, moços e velhos começam a sonhar, a sonhar delicias n'um extasi dulcissimo; julgam por momentos que lhes caracolêa nas veias um sangue novo e tepido, e sentem-se capazes, dizem elles, de coisas exquisitas, de coisas epicas e phenomenaes.

Ha, mesmo, quem chame as famosas negras para os seus salões dourados e quem as mostre ahi, como *avis raras*, á mocidade invalida e enervada d'este fim de seculo extraordinario.

Mas o que é fóra de duvida é que a Primavera fez muita falta.

Todavia, houve flôres em abundancia, e as andorinhas não deixam de noivar por esses beiraes dos telhados, beijocando se com um impudor e um descaramento que fazem subir a côr ao rosto das donzellitas ingenuas.

Houve rosas, muitas rosas, para jubilo dos poetas enamorados; e, pelos trigaes verdejantes e promettedores, não faltou quem fosse colher a espiga lendaria, entoando canções alegres em honra da Primavera ausente.

MARIO SERVULO.

A PATRIA

(Musica do maestro Freitas Gazul)

Não se define a Patria;
Mas sente-se, ao lembral-a,
Um grande e santo affecto
Que os corações abala.

A Patria lembra o berço,
E o maternal carinho,
E a plumagem tepida
Que nos affaga o ninho.

A' terra em que se nasce,
Do berço á sepultura,
Nos prende uma saudade
Que eternamente dura.

Aqui, a cruz sagrada
Que nossa mãe adora;
Além, a campa rasa
Onde mais tarde chora.

Depois, a voz fremente
Da tradição fallando,
De heroes que foram nossos
Os actos recordando.

O mar então se espraia,
E em sonho rutilante,
Se vê avassallado
O tumido Gigante.

As portuguezas frotas
Descobrem mundos novos,
E a nossos pés se curvam,
Innumeros, os povos.

As lyras dos poetas
Desatam-se em canções.
E a todas se avantaja
A lyra de Camões.

Por isso, ao vêr agora
A Patria ameaçada,
Uma só vez se eleva
Da tuba consternada.

«Se mede espaço curto,
Breve torrão natal,
Affrontas não tolera
O nobre Portugal.»

«Dobrar a fronte póde
O vil mercantilismo,
Mas não o que [illegible]
Por actos de [illegible].»

[illegible]

O ADEUS DE SCHUBERT

(Mauricio Talmeyr)

Tinha ido uma tarde, ha alguns annos, ver o meu amigo D...

—O sr. não está em casa, disse-me o creado, mas não póde tardar.

Estendi-me então sobre um *fauteuil* do *fumoir* e esperei.

Seriam cinco horas. O dia, já muito escuro, parecia ainda mais sombrio, em consequencia das cortinas descidas; ao cabo de um instante, pungiu-me uma impressão estranha: atravez do silencio da casa, sentia-se gemer um piano; conheci o *Adeus* de Schubert; a melodia do velho maestro allemão, assim ouvida, n'esse *boudoir* deserto, coada pelas paredes e pelos espessos reposteiros, envolvia-nos a alma em uma furtiva angustia. Essa impressão durou pouco. Abriu-se uma porta, resoaram passos no corredor, e o meu amigo D... entrou, estendendo-me a mão.

—Ah! exclamou elle ao mesmo tempo, acabam de referir-me um drama espantoso. Lembras-te de Berthal?

—Aquelle que era casado com uma mulher muito bonita? perguntei eu.

—Justamente, respondeu elle.

—Pois, meu caro, elle já não tem a sua bonita mulher, e eis aqui como a perdeu.

Seguiu-se um silencio; depois, o meu amigo D... começou a sua narração, emquanto o *Adeus* de Schubert continuava a resoar ao longe.

*

A sr.ª Berthal estava gravida de nove mezes, quando sentiu de repente, em um dia de tempestade, como um leve espasmo interior.

—Ah! exclamou ella alegremente, d'esta vez vou ser mamã!

O tempo estava pesado; grossas gottas de chuva achatavam-se de encontro aos vidros, tudo fazia prever que o estado da atmosphera ia provocar o desenlace. Mas logo depois, a joven senhora accrescentou:

—Já não sinto nada; passou. E concluiu com tristeza: «Ainda não é o que eu suppunha; paciencia.»

Decorreram oito dias sem que as dôres reapparecessem.

Sentia-se cada vez mais pesada, sem que por esse facto deixasse de sair e andar.

Recomeçava sempre o dia, perguntando a si mesma se chegaria á noite, e perguntava sempre á noite o que se passaria ao amanhecer.

De resto, tudo estava preparado para a chegada de *bébé*; o pequeno berço, armado ao lado do grande leito, aguardava, embrulhado em cambraias e laços de fita azul.

Por ultimo, uma noite, Berthal, ao acordar, vio luz no quarto. Saltou da cama de campanha, onde dormia havia um mez.

Sua mulher estorcia-se com dôres. Embrulhou-se em um chale, vestiu-se em um abrir e fechar d'olhos, acordou os creados, e mandou prevenir o medico.

Mas logo depois, cessaram as dôres, e a joven senhora reclinou-se, um pouco fatigada, sobre um fauteuil.

Seria illusão? seria verdade? teria ella realmente soffrido? Readquirira quasi a sua habitual magreza.

Chegou o medico, estupefacto, ao achal-a tão socegada. Esperou, examinou-a, dirigindo-lhe a palavra alegremente.

Repetia-lhe que só o satisfaria, se soffresse a ponto de gritar. Ao cabo de duas horas, não recomeçara a soffrer e, ao anoitecer, permanecia muito socegada.

A familia jantou rapidamente, ninguem conversou, ninguem tinha nada que dizer... De repente, ouviu-se um grande grito que partira da alcova. As dôres reapoderavam-se da pobre senhora, e d'essa vez eram terriveis! A familia, os creados, entravam e saiam, corriam de um lado para o outro, fallando em [illegible] abrindo e fechando as

A joven senhora, estendida no leito de campanha, gemia á lume, e murmurou, muito pallido: «Está morto, pelo menos, ha quinze dias.» Depois, um objecto caiu no chão; o medico, sempre pallido, balbuciou, limpando o suor que lhe escorria da testa: «E' só a cabeça.»

A joven senhora estava inerte e sem dar accôrdo de si.

O medico levantou-se, mandou-a transportar para o seu leito, embrulhou em uma toalha a pequenina cabeça decepada do tronco e foi buscar os ferros...

A' noite, a joven senhora reabriu afinal os olhos: «Ah! disse a seu marido, sinto-me exhausta.» E acrescentou em voz baixa, fitando o berço que ficara unido á cama: «Morto!»

Effectivamente, no dia immediato, um homem de chapéo preto de gutta-percha muito lustrosa e de capa preta, trouxe debaixo do braço uma caixa, semelhante á caixa de um violino. Era um caixãosinho de recem-nascido.

O homem negro entrou na casa de jantar; ouviu-se resoar no chão os seus sapatos grossos; entregaram-lhe o corpinho decapitado. Deitou-o no caixãosino branco, collocou a cabecinha ao lado do tronco, e desceu, levando a caixa, para ir pregal-a.

Seguiu-se uma pacificação melancolica, uma fadiga de angustia passada, onde renascia já a esperança em torno da mãe salva; esse cansaço aliviado, que succede aos dramas, reinava havia dois dias na casa.

A joven senhora, que acabava de despertar de um longo e tranquillo somno, calma como um anjo e franzina como uma virgem pallida, conversava com o marido.

Dizia-lhe que se sentia melhor, que lhe appetecia ir para o campo. Não lhe escapara que tinham tirado o berço do angulo onde estava, vira e ouvira tudo. Quizera morrer; agora, porém, queria viver.

E dizia todas estas cousas suavemente, placidamente, em uma especie de ventura, quando de subito apertou os dentes. Os olhos dilataram-se-lhe e apagaram-se. A cara fez-se-lhe roxa, gritou com uma voz sibilante, os olhos sempre abertos, olhando fixamente para o angulo do quarto:

—A cabeça! a cabeça! a cabeça!

E expirou.

*

Caiu sobre nós um novo silencio, maior e mais profundo do que o primeiro. O gemido do piano continuava a pairar no ar, como uma angustia, e nunca mais, desde essa epocha, eu pude ouvir o *Adeus* de Schubert sem me recordar da historia da pobre rapariga, fulminada pelo tétano.

GUIOMAR TORREZÃO.

O RETRATO

(De Catulle Mendès)

—Era de manhã. Albertina, pisando ao de leve com os pésinhos mimosissimos a alcatifa, sem fazer o minimo ruido, entrou no gabinete de trabalho de Eduardo, e encontrou-o de cabeça curvada para a mesa, absorvido em concentrada locubração.

—Em que pensava elle? Que fazia? Provavelmente esquadrinhava na mente uma rima apropriada—e fez um gesto de impaciencia acompanhado de um movimento de hombros ironico e desdenhoso.

E na verdade, pergunto eu, não será absurdo um homem pensar em versos e n'outras que taes friolenras, quando tem junto de si o mais delicioso dos poemas: uma mulher loura e formosa, cujos olhos, os labios, o seio, são outras tantas estrophes qual mais suave e encantadora! Eu bem sei que Eduardo poderia ponderar-me que os dois, quando adormeceram, era já dia claro; sei que podia objectar-me que por muito esforçado que seja um heroe, não póde conservar-se permanentemente

recordações das suas glorias, para cantar os seus triumphos, e

a amar, tudo o que não seja isto é malbaratar o tempo. O que em vez de consagrar todos os instantes da existencia á felicidade da mulher amante e amada, os desperdiça em vãs chimeras de ambição, ou arte, semeia na areia. Devemos comtudo advertir que se a mania de versejar era em Eduardo preoccupação demasiada, em todo o caso concorriam n'elle merecimentos que compensavam bem o terrivel séstro. Que gentil affecto! Que mimoso carinho! A' noite — e mesmo durante o dia — que ineffaveis extasis, que sublimada ternura, que palavras tão novas, que phrases originaes nunca por outrem pensadas, tocantes, arrebatadoras, boquejadas ao ouvido, milagre das quaes qualquer mulher, ainda a de mais fleugmatico temperamento, —que não era o de Albertina—sentiria escandecer-se-lhe o cerebro, incenderam-se-lhe os olhos sob as palpebras trementes... Assim, pois, Albertina amava estremecidamente Eduardo havia alguns mezes. Reconhecendo que era tão amada como ella mesma sabia amar, considerar-se-hia a mulher mais feliz do mundo, se a não atormentasse o ciume terrivel, pungentissimo!—Por causa do tempo que elle dedicava á poesia, apoz as noites de insaciavel felicidade? Não! Outro era o motivo e bem mais grave! Os versos, esses, perdoava-lh'os ella, porque lhe eram dedicados; não eram os versos; coisa mais séria a atormentava horrivelmente. E quando pensava n'ella, na tal coisa, ainda mesmo em meio do mais aprasivel extasi, gelava-a o susto, succumbia, ficava possessa de terror, como qualquer que em meio de aprasivel somno accordasse de subito mordido por uma vibora.

Docemente encostada ao hombro do amante, roçando-lhe pelo rosto as alvas rendas em que transparecia a rosea côr da mimosa cutis, disse:

—Ouve, e responde-me francamente: preencho todas as aspirações da tua alma? Sentes-te verdadeiramente feliz, querido amor?

—Feliz! exclamou elle. Acaso palavra tão banal, tão rasteira, que se emprega quando recebemos a nova que nos não é de todo desagradavel; quando no theatro nos não pateiam um drama; ou ainda quando obtemos um vil punhado de ouro, póde traduziz os intimos jubilos, as delicias sem nome com que me extasias? Por Deus!... entreabre um quasi nada as rendas do teu roupão, anjo da minha vida! e revê-te n'esse espelho. Que neve ha mais scintillante e pura que a do teu collo, onde se espelha a côr desmaiada das rosas? Que marmore pujante pode ostentar fórmas mais gentis, mais divinaes contornos? De todas as Venus só tu és a mais perfeita; perfeição peregrina, em que a soberba pagã é realçada pela graça feminil que ás proprias deusas foi negada!

Anjo que desafias a um tempo a contemplação devota e a sensualidade infrene. Mulher que a um tempo se adora e se deseja. Fôras ainda mais senhoril, se não fôras tão formosa, e no entanto, que senhoril e que formosa!...

E dizer que essa dualidade, a um tempo celeste e humana, me pertence, que me pertencem tantas perfeições, que todas me déste e me dás; que são só minhas... Lembrar-me de que nunca pelo mais frouxo dos teus sorrisos roçou de leve o enfado, que se não cançam de beijos os teus labios amantes... E' para enlouquecer!...

A mais eleita das creaturas, a mais affectuosa e dedicada das amantes, eis o que tu és, ó vida da minha alma!...

E ainda m'o perguntas, se sou feliz!..

E mais continuou o férvido amante, no mesmo hyperbolico estylo, fazendo a apotheose da sua felicidade.

E' de vêr que, á parte a impetuosidade oratoria, a ejaculatoria amorosa não era para despresar. Ao cabo de tão incandescente arenga, Albertina estava radiante de felicidade. Effectivamente, o ser verdadeiramente feliz consiste em fazer felizes os outros.

Passados breves instantes, Albertina accrescentou com modo grave:

—Pois que me deves, segundo confessas, uma pouca de felicidade; se, pois, uns mesquinhos dotes de formosura, ou graça, te não são desagradaveis; se o meu amor te não molesta, vaes satisfazer m' um pedido.

Eduardo mediu-a com um olhar de espanto.

—Que! sentes um desejo e não t'o satisfiz ainda? Falta-te uma cousa e não soube adivinhar o que ella é? Oh! que mal [illegible] ao teu silencio, que fez da mim o mais ingrato dos homens!

Sonhaste a phantasia de atrellar á tua victoria duas parelhas de muares brancas, como as que vimos nas touradas de Cordova? Alimentas o desejo, louco embora, de ornares os teus cabellos de ouro com o famoso Regente, essa joia preciosa, que vae ser posta em leilão? ou mais ambiciosa, pretenderás que cante n'um poema sublime os anneis dos teus cabellos?...

—Não exaggeres, atalhou ella, pretendo unicamente...

—Que pretendes? Falla...

Albertina hesitou, temendo uma recusa.

—O retrato de mulher que guardas no peito! exclamou ella com arrebatamento. Sim, desejo, quero esse retrato que nunca te abandona e que tantas vezes beijas a occultas — cuidas que não tenho visto?—esse retrato de uma mulher a quem me preferes. Morria de desespero, queres crer? se m'o negasses! Não ha ferro em braza, não ha mordedura de reptil que se compare ao ciume que me punge na alma!

Apoz um sorriso que passou despercebido para Albertina, Eduardo assumiu um ar grave.

E' natural deprehender-se que o sacrificio exigido por Albertina era exactamente o unico que elle não podia fazer.

—Que singular capricho esse que havia de assaltar-te, observou elle, com ar de contrariado. E que destino pretendias dar a esse retrato?

—Esmigalhal-o, exclamou ella accesa em ira, com os olhos chamejantes e os dentes cerrados, n'uma convulsão de raiva! Mordia-o! esmigalhava-o!... e atirava á rua os fragmentos para que os transeuntes os pisassem e os confundissem na lama!...

O impeto de colera pareceu não impressionar Eduardo.

—Pedes uma cousa impossivel. Mudemos de assumpto. Inclinou-se de novo para a mesa, retomando a penna e continuou a escrever.

A sanha concentrada de Albertina não conheceu limites. Desatou a passeiar, inquieta e convulsa, de um para outro lado, os cabellos em desordem, o roupão desapertado, cujas rendas agitava com o sopro da respiração offegante.

—E é d'esse modo que dizes amar-me e que te mostras reconhecido pela felicidade que te dou?! clamava ella, derrubando ao mesmo tempo uma estatua de jaspe, que foi partir-se de encontro ao fogão. Sou formosa, não é assim? encantadora, amo-o, ou antes, amava-o, e em premio de tudo isto nem sequer annue á mais futil e legitima das minhas exigencias!... Faz então muito empenho n'esse retrato? Amava então muito essa mulher, se a não ama ainda?... Ah! mas fique certo de que não soffrerei semelhante affronta sem me vingar! Continue! pode continuar a conservar á sua vontade essa imagem querida sobre o coração!... Sabe que mais? escusa de esconder-se para a beijar; de hoje em diante pode beija!-a á sua vontade, a todas as horas do dia e da noite, porque eu vou no mesmo instante deixar esta casa, onde já não podia ter uma hora de felicidade. Não quero demorar-me aqui nem mais um momento: vou partir e já! Seja feliz!... Quanto a mim, farei por esquecer o mais ingrato dos homens!...

Eduardo ficou pensativo, a reflectir que a sua amante era capaz de fazer o dito verdadeiro, isto é, fugir e deixal-o. E' de crer que assim o suppozesse, por que decorridos instantes breves, exclamou:

—Albertina!

Albertina deteve-se no limiar da porta. Um momento de silencio e em seguida:

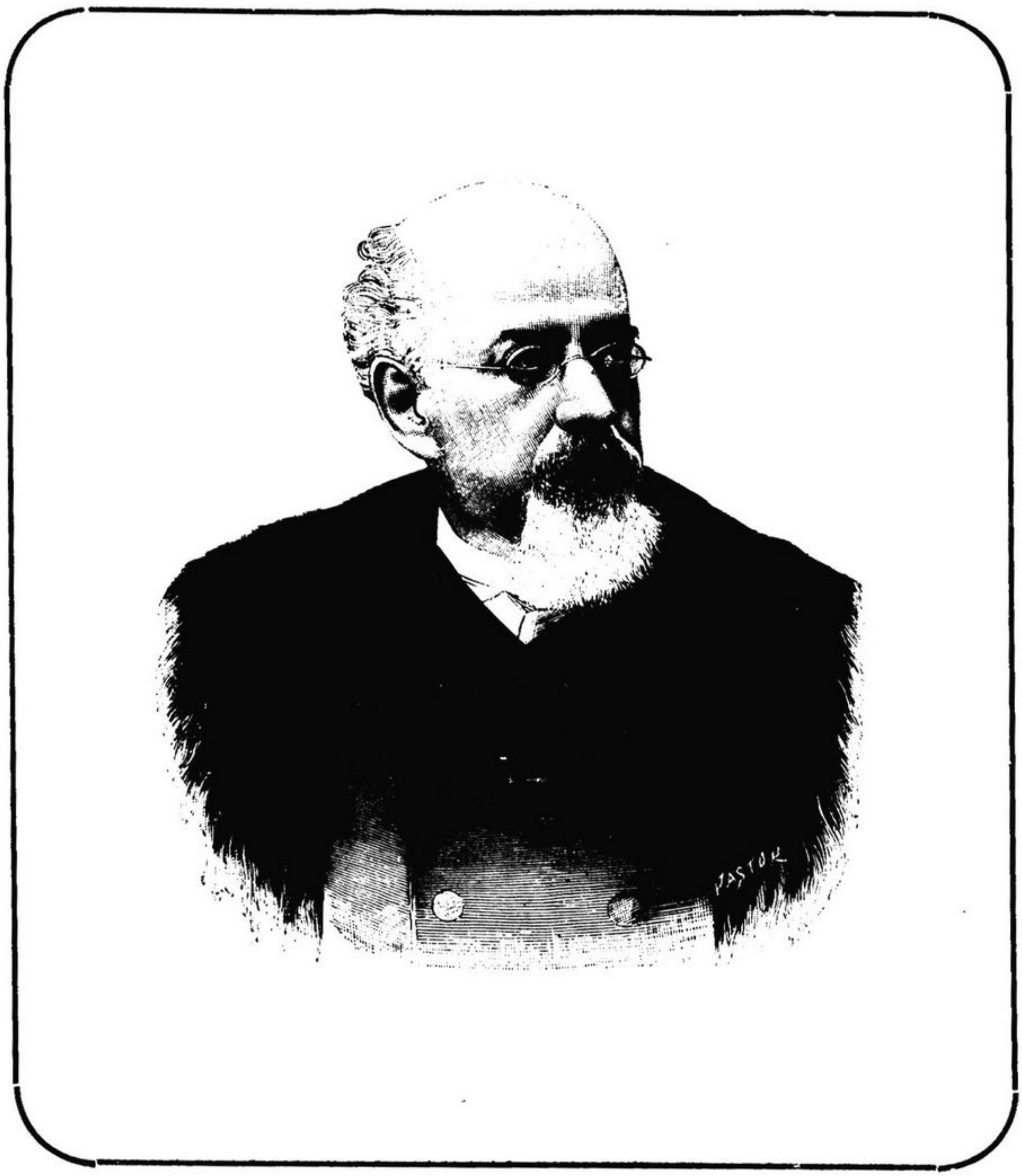
—Exiges com effeito, que eu te entregue...

—O retrato? Exijo.

—Vaes ser obedecida, mas adverte que é uma exigencia terrivel essa tua!

E voltando o rosto, offereceu a Albertina um pequeno estojo de velludo azul. Só quem tenha visto nos desertos africanos, ou nos circos, em qualquer jaula de féras, a femea do tigre precepitar-se soffrega sobre a posta de carne ainda ensanguentada, é que pode fazer uma ideia aproximada do salto com que Albertina se arrojou sobre o retrato que Eduardo lhe offerecia. Retraidos os labios, os dentes prestes a morder, os dedos curvados e convulsos, em attitude de ave de rapina—oh! com que delicioso odio ella se preparava para despedaçal-o com as unhas!—empalga n'um impeto o estojo, abre-o, esperneante de odio e... e lança-se de chofre ao pescoço do seu amante, soltando a mais estridente das gargalhadas!

[illegible] lar de perolas com que desejas adornar o [illegible]



D. VICENTE RIVA PALACIO

Era que o retrato tantas vezes beijado ás escondidas por Eduardo, esse retrato que ella protestara lançar pela janella fóra para ser pisado e confundido na lama, era o d'ella!...

VIDIGAL SALGADO.

OS TRES FILHOS

I

De janellas amplas e rasgadas, escadarias de pedra e tectos sumptuosos, o silencioso palacio parecia inteiramente deshabitado. Comtudo, n'um salão do primeiro andar estavam sentados tres homens, entreolhando-se sem proferirem palavra. Eram o marquez, o conde e o visconde.

Aguardavam o resultado da consulta.

Em poucos momentos saberiam, «pela bocca auctorisada das summidades medicas», se ainda podiam nutrir esperanças de que a vida de sua mãe, a marqueza de Guébrianges, viuva do marquez do mesmo titulo, se prolongasse por algum tempo mais.

O marquez era alto e delgado, de physionomia correcta e serena. Mostrava não ter mais de trinta annos. A espaços, os cabellos artisticamente penteados, deixavam-lhe a descoberto a pelle do craneo. Usava monocolo: um simples vidro redondo, sem aro nem cordão, incrustado no olho esquerdo. Uma occasião cahira do cavallo e quebrára uma perna; o monocolo, comtudo, não se bulira. Referiam d'elle este facto incrivel.

O conde, de faces mais rosadas que seu irmão mais velho, supportava com menos cançasso o tedio dos vinte e tres annos. O seu bigode ruivo, bellicosamente retorcido, denotava uma natureza expontanea, de expansões impetuosas. Era tido na conta do mais intelligente.

O mais novo, o visconde, que pouco antes completára vinte annos, parecia entretanto muitissimo mais velho. As rugas sulcavam-lhe, com uma precocidade cruel, o rosto imberbe. Era extremamente magro, e despedaçava-o uma tosse que arrancava do fundo do peito atrophiado, contrahindo a bocca, pendendo a cabeça para traz, e assomando-lhe ás faces umas rosetas violaceas.

Abriu-se a porta e entraram no salão quatro sujeitos condecorados, trazendo na mão enormes chapéos. Sentaram-se. O mais velho dos quatro, o decano, o especialista, aquelle cuja falla e gestos os outros escutavam e seguiam attentamente, exprimiu-se com gravidade, pezando as palavras á maneira de um prégador. Historiou a doença, alongou-se com respeito ás ulcerações da parte inferior do esophago, fallou de passagem na atrophia provavel dos rins e resumiu as suas conclusões «sob o especial ponto de vista medico.» Os collegas abanavam a cabeça em signal de approvação. Quando terminou, ergueu-se com o semblante contrahido e soltou um suspiro. Depois, voltando-se para os tres jovens, disse-lhes com lagrimas na voz: «Meus senhores, por muito que me custe... os senhores são homens de coragem, não é verdade?... Pois o que tenho a dizer-lhes é que estão perdidas todas as esperanças...»

E levantando os olhos ao céu, n'um piedoso movimento que os medicos subalternos se apressaram a imitar, accrescentou:

—A não ser que um milagre...

Saíram, fecharam-se as portas, e já no vestibulo, conversando em voz alta, ouviam-se dizer:

—Você vem cá para os meus lados?

—Não, não posso.

—Então não se esqueça de ir na terça-feira á recita do Palais-Royal...

II

Os tres filhos entraram no quarto, cujas janellas estavam fechadas, e onde apenas bruxuleava a fraca luz de uma lampada, e postaram-se immoveis junto de [illegible], em que [illegible] deitada de costas, concentrada n'uma suprema expectativa.

minada, com a cabeça coberta de finos cabellos brancos, e um tepido raio de bondade escoando-se-lhe dos olhos azues, que lhe fulguravam na cavidade das orbitas, como se fossem myosotis no fundo de um poço. N'esses olhos lia-se claramente a historia de uma vida de sacrificio, de infortunio, consumida a dispender thesouros de resignação. Cerrados os dentes, respirava o menos que podia, porque, desejando prolongar a existencia, não queria consumir de repente a pouca vitalidade que lhe restava.

O marquez perguntou-lhe: «Conhece-nos, minha mãe?»

Dos labios da doente soltou-se um imperceptivel sibillo; era o sussurro da sua falla. Pendidos sobre ella, os filhos escutavam-n'a. O visconde levou o lenço á bocca para reprimir um accesso de tosse.

—Meus filhos, murmurou a marqueza, sinto que vou morrer...

O mais velho interrompeu com pelida doçura:

—Oh! minha mãe!

E todos tres escutavam, de olhos enxutos, respeitosos e attentos.

A doente proseguiu: «Não chorem... rezem antes por mim... Eu fui uma indigna mãe, commetti uma grande falta... um crime de que peço perdão a Deus... Antes de comparecer á sua presença desejo confessar-lhes esse crime.»

Deteve-se um instante, e baixou as palpebras para não sentir tanta vergonha.

—Enganei vosso pae, proseguiu ella... vosso bom pae... Um de vós não é seu filho... E'... é...

Pendeu lentamente para um lado, e morreu voltada para o espaço que medeiava entre a cama e a parede.

III

Os tres irmãos sahiram do quarto nos bicos dos pés.

Na sala contigua sentaram-se, e o marquez, um pouco commovido, tomou a palavra.

—Acabamos de ouvir uma triste confissão, que a morte não permittiu a nossa mãe terminar. Longe de mim e de vós, estou certo, a ideia de accusar aquella que já não existe. Esse segredo, que não nos chegou a ser completamente revelado, ficará eternamente comnosco. Ninguem suspeitará coisa alguma. Fica isto combinado. Aos olhos de toda a gente, eu, João, sou o marquez, René o conde, e Francisco o visconde de Guébrianges. Como, porém, sabemos que um de nós tem nas veias sangue estranho, talvez menos puro que o do nosso fallecido pae, poderemos acaso conservar-nos reunidos, n'uma situação tão falsa e embaraçosa? Não seria culpavel a nossa voluntaria ignorancia? Não é de interesse commum dissipar, nos limites do possivel, a duvida que existe com respeito ao nosso nascimento, mesmo quando essa duvida tenha de mudar-se para um de nós na mais dolorosa certeza? Que pensam a este respeito?

—Penso, respondeu o conde René, que tens razão, e o visconde é tambem do meu parecer. Se não tivesses dito nada, meu irmão, teria eu manifestado opinião egual á tua com relação ao caso que tanto nos aggrava em nossa honra. Tu, porém, antecipaste-te, e eu confesso que não teria fallado nem pensado melhor, pelo que te agradeço. E para te dar immediatamente a prova da minha sinceridade, permitte-me que, por muito que isso me custe, ponha immediatamente termo á anciedade que os domina. Eu creio que minha mãe me quiz designar a mim, só a mim, na penosa revelação que não teve forças para completar. Explicar-me-hei. Tu, João, que és o nosso irmão mais velho, vieste ao mundo no mesmo anno em que nossos paes casaram, portanto bem está de ver que não é rasoavel suppôr-se que se tratava de ti. Tu, Francisco, o ultimo, o preferido entre todos, nasceste alguns mezes depois da morte de nossa irmã Bertha, de nossa irmã, que minha mãe, inconsolavel, chorou de então para cá, dia e noite. Não pódes, pois, sem insultar a memoria d'aquella que descança a poucos passos de nós, julgar-te filho de um erro. Quanto a mim... não me obriguem a ser muito explicito... Evitem a si e a mim semelhantes indagações, repassadas de tão pungente amargura... eu não nasci em França... nasci quando o sr. de Guébrianges era embaixador em [illegible] uma vinte e nove [illegible]

JOSÉ ANTONIO DE SAMPAIO JUNIOR

O DR. URBINO DE FREITAS

MARIO DE SAMPAIO

ADOLPHO COELHO

BERTHA SAMPAIO

MISS LOTTIE KARTER

MARIA SAMPAIO

O marquez e o visconde tinham-se approximado um do outro. O marquez ergueu-se, e n'um tom friamente cortez, disse:

—Senhor, meu irmão e eu agradecemos-lhe a sua franqueza. Para todos, excepto para nós, o senhor continua a ser o conde de Guébrianges. Não viveremos, entretanto, juntos. Quando se retira?

O conde retorquiu surprehendido:

—Mas... depois do funeral...

Saudaram-se com uma leve inclinação de cabeça, entraram todos tres no quarto, e ajoelharam junto do leito...

No mesmo instante, porém, recuaram aterrados. A marqueza acabava de mover-se. Tinha apenas desfallecido e voltava a si.

Ergueu a cabeça, que deixou pender de novo sobre o travesseiro, morta, realmente, d'esta vez; mas antes de expirar, articulou distinctamente estas palavras:

—E' o marquez... és tu, João!...

(Traducção.)

MAGALHÃES FONSECA.

AS NOSSAS GRAVURAS

BISMARCK

Todos os jornaes teem fallado largamente nos ultimos tempos, de Bismarck, relatando os factos que se prendem com a sua demissão de chanceller da Allemanha.

Narrar de novo aqui esses successos, já conhecidos de sobejo, seria superfluo.

Limitamo-nos portanto hoje a acompanhar o retrato do famoso chanceller demissionario, com a traducção d'uma pagina do livro de madame Carette, *Souvenirs intimes de la cour des Tuilleries*, que nos mostra Bismarck sob um aspecto differente d'aquelle porque todos os biographos o teem encarado.

Diz assim a illustre escriptora franceza, referindo-se ao unificador da Allemanha:

«N'um grande baile dado por aquella epoca nas Tulherias, durante o *cotillon* que eu marcava, veiu-me a idéa maliciosa de offerecer ao conde de Bismarck, retirado a um canto, um *bouquet* de rosas que marcava o signal para uma volta de walsa. Bismarck era então o alvo para onde convergiam as attenções geraes. Elle acceitou o *bouquet*, e, conformando-se com o convite que eu lhe dirigia, walsou deliciosamente commigo atravez do turbilhão dos pares.

Este pequeno incidente, pouco em relação com a gravidade do grande diplomata, divertiu muito os soberanos e os outros assistentes, porque ninguem esperava ver Bismarck envolver-se no irrequieto grupo da mocidade dourada dos salões.

Quando me reconduziu ao meu logar, o conde de Bismarck arrancou da lapella da casaca um botão de rosa artificial que a ornava, e offerecendo-m'o gentilmente, disse:

—Digne-se, minha senhora, conserval-o como recordação da ultima walsa que dansei na minha vida, e cuja lembrança jamais se me apagará do espirito.»

Effectivamente, não consta que o grande *Chanceller de Ferro* tornasse a dansar.

O GENERAL DE CAPRIVI

(Novo chanceller allemão)

Foi ao general de Caprivi que Guilherme II conferiu o titulo de chanceller do Imperio da Allemanha, em substituição do [illegible] de Caprera de [illegible] de Caprivi em 1849, no regimento de granadeiros de Francisco José. Um anno depois sahia alferes, no anno seguinte tenente, e em 1861 entrava, como capitão, no grande estado-maior, onde se conservou tres annos.

Quando rebentou a guerra de 1866, entrou no estado maior como major, fazendo toda a campanha n'aquelle posto.

Em 1870, sendo tenente-coronel, fez as campanhas de Metz e do Loire. Em 1872 saiu coronel e entrou de novo para o estado-maior general, onde se distinguiu pelos seus trabalhos sobre a artilheria. Em 1878 deram-lhe o commando de Metz. Foi de Caprivi quem traçou as plantas dos novos fortes da cidade.

Quando, em 1883, o general de Storch abandonou o ministerio da marinha, de Caprivi foi nomeado por Guilherme II vice-almirante e chefe do almirantado, cargo que teve de deixar em 1883, para tomar o commando do 1.º corpo no Hanover.

Toda a carreira do novo chefe da politica allemã é, portanto, militar, e apenas militar.

D. VICENTE RIVA PALACIO

(Ministro do Mexico em Lisboa)

D. Vicente Riva Palacio nasceu no Mexico a 16 de outubro de 1832, sendo filho do illustre estadista D. Marianno e de D. Dolores Guerrero, cujo pae, o general D. Vicente Guerrero, foi um dos heroes da independencia mexicana.

Fez os seus estudos no collegio superior de San Gregorio, obtendo em 1854 o grau de licenciado em direito; exerceu successivamente os cargos de conselheiro municipal do Mexico, deputado supplente na assembléa constituinte, secretario geral da municipalidade e outros, e em 1861 foi-lhe offerecida pelo presidente Juarez a pasta da fazenda, offerta que declinou, dizendo com uma expressão de rara modestia, «que não se considerava com dotes para bem desempenhar um cargo tão delicado.»

Em 1862, rebentando a guerra contra a intervenção, o sr. Riva Palacio armou e equipou a expensas suas um corpo de tropa, á frente do qual se reuniu em Pueblo de los Angeles ao general Zaragoza; tomou parte na acção de Barranca Seca e na defeza d'aquella cidade durante o sitio; rompeu as linhas francezas á frente de uma brigada de cavallaria e conseguiu chegar ao Mexico para conferenciar com o governo supremo ácerca dos meios de soccorrer a praça sitiada pelo general Forey; encorporou-se logo ao exercito do centro e bateu-se heroicamente na acção de S. Pablo del Monte, e seguidamente na desastrosa batalha de San Lorenzo, onde o general em chefe, Commonfort, foi surprehendido e derrotado pelos francezes; depois da queda de Pueblo, seguiu o governo de Juarez para San Luis de Potosi e foi nomeado governador do Mexico nas mais criticas e penosas circumstancias para a causa nacional, quando o estado (como disse graphicamente um historiador mexicano) «não possuia um soldado, nem um escudo»; em meiado de 1864, contando já Riva Palacio algumas tropas de infanteria e de cavallaria, surprehendeu em Tubilla, perto de Tolseca, um forte destacamento inimigo, aprisionando-lhe 1:000 infantes e 100 dragões, escapando apenas, a pés de cavallo, o chefe francez que o commandava; depois do fuzilamento do general Arteaga, em outubro de 1865, Riva Palacio foi nomeado commandante em chefe do exercito do Centro, e a sorte quiz que no dia immediato ao d'aquella sangrenta execução, o novo general fizesse prisioneira toda a guarnição de Tacambaro, um corpo de voluntarios belgas, aos quaes perdoou generosamente a vida, em vez de usar com elles de crueis represalias.

Este brilhante feito, pagina gloriosa na biographia do sr. Riva Palacio, deu em resultado uma troca de prisioneiros com o marechal Bazaine, que reconheceu Riva Palacio como general belligerante.

Em fevereiro de 1886, o general Riva Palacio deu a batalha de Magdalena, a mais sanguinolenta de todas as que se feriram no Estado de Michoacan, e os serviços que prestou á sua patria no memoravel sitio de Querétaro não são para estes ligeiros bosquejos das nossas biographias: a elle se apresentou o imperador Maximiliano quando se constituiu prisioneiro, e este des- [illegible] de [illegible] na batalha, o que [illegible]

Tambem possue uma baixella magnifica, herdada de seu pae, com a qual o tinha presenteado Francisco José, imperador d'Austria, como expressão de reconhecimento pela heroica defeza que aquelle jurisconsulto fez do infeliz Maximiliano.

Depois da queda do imperio, o general Riva Palacio, que tinha resignado o commando das suas tropas e dado a sua demissão do cargo de governador do Estado do Mexico, foi eleito presidente do supremo tribuaal de justiça, que, desde então, foi o primeiro corpo constituitivo do poder judicial; e, successivamente, os congressos dos Estados do Mexico, Michoacan, Querétaro e Oaxaca, proclamaram-o filho dilecto da patria e mandaram collocar o seu retrato nas respectivas salas das sessões.

Em 10 de novembro de 1876 foi nomeado ministro das obras publicas, cargo que exerceu até maio de 1879.

O sr. Riva Palacio é tambem um esculptor distincto.

— —

O CRIME DO PORTO

O DR. URBINO DE FREITAS — JOSÉ ANTONIO DE SAMPAIO JUNIOR—BERTHA SAMPAIO—MARIO DE SAMPAIO—MARIA DE SAMPAIO—MISS LOTTIE KARTER—ADOLPHO COELHO.

E' já hoje conhecido de toda a gente o monstruoso crime praticado no Porto, e do qual foi victima a familia do abastado commerciante d'aquella cidade, José Antonio de Sampaio.

A familia Sampaio compunha-se, em dezembro findo, do seu chefe, José Antonio Sampaio; da esposa d'este, D. Maria Carolina Sampaio; d'um filho, José Antonio de Sampaio Junior, viuvo e com uma filha chamada Bertha; de dois primos d'esta, Mario e Maria, filhos d'um fallecido irmão de Sampaio Junior, e da esposa do dr. Urbino de Freitas e seus filhos.

A fortuna do velho Sampaio é calculada em seiscentos a oitecentos contos.

José Antonio de Sampaio, sua esposa e seus tres netos, moravam na rua das Flores, no Porto; a familia Urbino de Freitas, na rua dos Martyres da Liberdade.

José Antonio de Sampaio Junior passou os primeiros annos da vida na cidade do Porto, onde estudou alguns preparatorios Estava muitas vezes encostado á porta do estabelecimento de seu pae, vendo quem passava pela rua das Flores.

A principio uma forte educação religiosa parecia absorver o seu espirito. Fizera-se, porém, um reviramento subito no cerebro de José Antonio Sampaio, e a alegria, a ligeireza da vida mundana acabára por tental-o.

No fim do anno passado estivera em Lisboa, onde frequentára os theatros e os *restaurants*, e onde gastára uma grande parte das noites libando *champagne* pela taça do prazer.

Aqui atára relações amorosas com miss Lothie Karter, que era caixeira da loja dos irmãos Varellas, ao Chiado.

Os dois corações entenderam-se, e José Antonio de Sampaio e miss Lottie foram para o Porto.

Ahi, durou breves dias o seu idyllio de amor, porque José Antonio de Sampaio morreu subitamente no Porto na noite de 5 de janeiro d'este anno.

*

Na quinta feira santa entregou o correio em casa do sr. Sampaio uma encommenda postal, constando de um pequeno volume embrulhado em papel escuro, com differentes sinetes de lacre.

O volume ia dirigido á menina Bertha Sampaio, e continha tres caixas de cartonagem, cheias de amendoas, tendo cada uma d'ellas, ao de cima, um *bonbon fondant* de chocolate.

Posto que a encommenda fosse dirigida a Bertha Sampaio, o facto d'ella encerrar tres caixas, todas eguaes, indicava bem que a idéa do remettente anonymo era que cada uma d'ellas seria destinada a cada uma das tres creanças.

Fez-se a partilha das caixas de amendoas, e as innocentes creanças comeram d'ellas, começando pelo *bonbon* que vinha ao de cima.

Os netos do sr. Sampaio e a esposa d'este cavalheiro sentiram-se incommodados no dia seguinte áquelle em que foram [illegible]

creanças de nada precisavam. Comtudo, elle mesmo lhes preparou uns clisteres. Foi á cosinha, mandou aquecer agua, e entrou para o *water closet*, onde se demorou alguns momentos. Saiu depois, e quando a creada lhe levou a agua, despejou-a n'uma vasilha e fez affastar a serva por alguns instantes, mandando-a levar a chocolateira vasia para a cosinha—e que voltasse logo.

Preparando o clister, mandou-o applicar ás creanças, com a recommendação de que não deixassem nem gotta na seringa. Por fim retirou-se.

No dia seguinte, augmentou o incommodo das creanças. Mario já não poude erguer-se do leito; Bertha e sua prima tinham estonteamentos, os membros entorpecidos. Voltou o dr. Urbino e mandou applicar outro clister, que elle proprio preparou, affastando a creada, que lhe levára a agua quente.

Depois do medico sair, o mal das creanças redobrou. E' lancinantissima a scena que então se passou, descripta pela pobre avó. Mario estorcia-se no leito, bradando:

—Mãesinha, abra-me as janellas, que não vejo nada! Eu não quero morrer! Mas a mãesinha não se afflija!

A desgraçada creança tratava a avó por mãesinha. Uma das vezes exclamou:

—Ah! mãesinha, sinto que o clister que o tio me mandou dar matou-me!

Do outro lado, a Bertha gritava que—não ouvia nada, que estava surda, que a casa andava á roda, que ia morrer.

Imagine-se o alarme que foi n'aquella casa, e a dôr e desespero da velha senhora. Mandou-se de novo chamar, pela terceira vez, o dr. Urbino. E este, vendo o estado dos sobrinhos, exclamou:

—Estas creanças estão envenenadas! Mandem já chamar medicos.

Foram chamados os drs. Ferreira, Adelino da Costa e Godinho de Faria. Constataram o envenenamento. E o dr. Ferreira lembrou que se devia immediatamente dar parte do caso ao commissario geral de policia.

Sabe-se o resto. Apesar de todos os esforços empregados pela sciencia, o pequeno Mario succumbiu, podendo salvar-se todas as outras pessoas que tinham comido dos *bonbons*.

*

Não havendo já duvidas sobre a existencia d'um crime, a policia entregou-se immediatamente a diligencias que a levassem ao descobrimento do criminoso, e a primeira idéa que a toda a gente occorreu foi a de que este seria alguem a quem a extincção da familia Sampaio aproveitasse, para lhe herdar a riqueza. Trabalhando pois sob esse ponto de vista, foi pacientemente, de diligencia em diligencia, de descoberta em descoberta, aproveitando todas as declarações, os depoimentos das diversas pessoas interrogadas, pondo a limpo o extraordinario caso, até ao ponto de prender o dr. Urbino de Freitas, genro do commerciante Antonio José de Sampaio, que hoje se acha na cadeia da Relação, pronunciado.

Effectivamente, os indicios de criminalidade que pesam sobre Urbino, são esmagadores.

Um, entre muitos: Urbino esteve em Lisboa n'um dos dias anteriores á remessa das amendoas para o Porto. Quando as suspeitas começaram a incidir sobre elle, o supposto criminoso escreveu ao seu intimo amigo o sr. Adolpho Coelho, pedindo-lhe para declarar que estivera em sua casa, pois achava-se compromettido, em virtude de ter sahido do Porto por causa d'uma aventura amorosa e não poder dizer onde esteve.

O sr. Adolpho Coelho, que nem sequer o vira, suspeitou de um crime, e não querendo ser accusado de qualquer conniven-cia criminosa, entregou á policia a carta de Urbino.

Fez bem? Fez mal? O futuro nol-o dirá.

*

Dando o retrato do dr. Urbino de Freitas, quasi se torna desnecessario acompanhal-o d'alguns traços biographicos.

A parte mais importante da sua biographia é a triste notoriedade que a tragedia do Porto lhe tem dado.

Este lastimoso acontecimento absorve todos os outros que [illegible]

O CONDE DE SZAPARY

Com effeito Urbino cursou a faculdade de medicina, sendo distincto nos dois primeiros annos, obtendo o primeiro premio no terceiro anno, um *partido* no quarto anno, e um *accessit* no quinto.

Em Coimbra, segundo informações de contemporaneos, vivia pouco com os seus condiscipulos. Era concentrado, estudioso, um *urso*, como lá dizem dos estudantes que tomam muito a serio os seus deveres escolares.

Tambem se diz que Urbino de Freitas tinha a vaidade dos seus titulos academicos, mostrando-se altivo e desdenhoso para com os outros.

Terminada a formatura em 1875, com classificação de *nemine discrepante*, Urbino de Freitas concorreu ás cadeiras da secção medica da Escola medico-cirurgica do Porto, em 1877, sendo o primeiro ponto em 11 de junho de 1877, sobre prova pratica de clinica, e o 2.º ponto em 7 de julho do mesmo anno, sobre prova pratica de materia medica—*tannino*.

Teve n'este concurso 12 espheras brancas e 2 pretas em merito absoluto, e em merito relativo 9 brancas e 5 pretas.

Por esse tempo fallou-se muito d'este concurso, pelo facto de ficar preterido o dr. Paulo Marcellino Dias da Silva, que tinha sido estudante distincto e era filho da Escola do Porto.

As sympathias dos rapazes, dos alumnos da Escola, iam para o dr. Paulo Marcellino, que foi saudado com uma salva de palmas, quando, no dia da votação, sahia do edificio da Escola.

Quando o dr. Urbino se apresentou a reger, como substituto, a cadeira de physiologia, os alumnos receberam-no com uma pateada.

Mas estas hostilidades passaram, o dr. Urbino foi promovido a lente proprietario da 11.ª cadeira por decreto de 3 de novembro de 1887, e a opinião dos estudantes é que, apesar de ter uma emissão de voz defeituosa, expunha com clareza e lucidez as questões.

Lente da Escola, o que era um titulo de recommendação para o publico, bem depressa teve clinica, especialmente em casos de molestias de pelle, a cujo tratamento mais particularmente se havia dedicado.

Os jornaes teem fallado de uma monographia sobre a lepra, que o dr. Urbino tencionava publicar em francez.

.

Miss Lottie Karter, a malograda amante de Sampaio Junior, chegou a ser indigitada, pela familia d'este, como a auctora do horrendo crime, mas depressa testemunhou a sua innocencia, sendo hoje adorada por aquelles que levianamente a accusaram.

.

Sempre que, em conversação, o dr. Urbino se refere á sua familia, uma nuvem fugitiva de tristeza ensombra-lhe quasi sempre o rosto livido. E, nervosamente, elle muda de assumpto. Assim como se refere a miudo a sua familia, rarissimas vezes allude ao crime de envenenamento. Ha dias, porém, abordou esse assumpto, dizendo em tom de queixa:

—Accusam-me da morte de meus cunhados e de meu sobrinho. D'aqui a pouco, são capazes de me attribuir a morte da humanidade inteira!

Um infeliz! E se está, em verdade, innocente, o seu infortunio não é menor.

——

O CONDE DE SZAPARY

(Chefe do gabinete hungaro)

A crise ministerial que ha pouco se produziu na Hungria e que determinou a queda do sr. Tisza, teve como epilogo a subida do conde de Szapary ao poder.

O chefe do actual ministerio conta 60 annos de edade e pertence a uma nobilissima e rica familia da Hungria.

Tendo entrado muito cedo na vida publica, foi sempre deputado desde essa epoca e fez, por varias vezes, parte do gabinete Tisza, como ministro do interior e da agricultura.

——

ANTONIO PEREIRA DA CUNHA

Antonio Pereira da Cunha e Castro, o illustre escriptor ha pouco fallecido, era natural do Minho, onde nasceu, em Vianna do Castello, aos 9 de abril de 1819.

Foram seus paes: Sebastião Pereira da Cunha e Castro, fidalgo da casa real, coronel de Milicias, em cujo posto se distinguiu durante a guerra peninsular, e senhor e possuidor d'aquella torre solar de Cunha, na freguezia do mesmo titulo, do concelho de Coura, a qual El-Rei D. Affonso V restituiu, em 1463, como paga de serviços feitos em Africa, a Vasco Fernandes da Cunha, a cujos ascendentes El-Rei D. Fernando a tinha tirado, com as terras de Silvares e Vidigal, na Beira, em 1370, segundo consta de documentos, que existem no seu cartorio; e D. Anna de Agorreta Pereira de Miranda, da casa do *Paço d'Anha*, onde esteve escondido o Prior do Crato, depois da batalha da Ponte d'Alcantara, em 1580, até que embarcou para França, no caes de Dórque, junto a Vianna, disfarçado em marinheiro.

Na edade de 15 annos, e quando Pereira da Cunha se dispunha a entrar na Universidade de Coimbra, contratempos politicos obrigaram-n'o a desistir do seu intento, o que não impediu que se entregasse com affinco ao estudo dos nossos classicos e á litteratura dramatica.

Tres producções suas n'este genero, *Duas filhas*, *Brazia Parda* e *Herança do Barbadão*, foram consagradas pelo publico e premiadas pelo conservatorio.

No *Trovador*, da academia de Coimbra, na *Revista Universal* e na *Illustração*, collaborou tão distinctamente, qe se pôz ao lado dos mais considerados litteratos da sua epoca.

Na *Nação* publicou alguns romances em verso, taes como *Vasconcellos*, *Botados*, *Leites*, *Pintos*, *Mesquitas*, etc, amostras de um *Album Heraldico* que tinha em plano.

O seu reconhecido e apreciado talento de poeta e de prosador fizeram-n'o travar relações com todos os moços d'essa epoca, que mais tarde se notabilisaram na altura das lettras patrias.

Em 12 de abril de 1847 foi nomeado por D. Miguel de Bragança um dos secretarios do governo que se devia constituir para dirigir a sua causa. O outro era João de Lemos, seu intimo amigo.

Como polemista, accentuou bem a sua individualidade em muitos artigos publicados na *Nação*, e o folheto *Cur Non?* deu-lhe os foros de pamphletario notavel.

Foi um homem honesto, um legitimista dedicado, e um espirito superior.

STELLA PERDUTA

—

Já não contemplo alegre—architectando
O vago ideal do sonho,—a torre santa
Em que depuz o meu amor, julgando
Ver-te no ceu, estrella sacrosanta!

Bem como um bando d'aguias esfaimadas
Se agita e vôa n'um delirio immenso,
Assim partiram as visões sagradas,
Filhas da luz do meu amor intenso.

D'antes, pensando em ti, immaculada
Julgava vêr n'um templo ajoelhada,
Toda de branco, a Virgem Mãe de Deus.

—

Hoje, [illegible]
Sei que tu vives, porque esta alma chora...
[illegible]

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas novissimas

Este adverbio e mais este é um cereal—2—1.
O adverbio no sapato é hespanhol—1—2.
Este instrumento na musica é peixe—2—1.
Esta flôr está por cima de nós na botanica—2—1.
Sae do mar e está no corpo humano este peixe—1—1.
Este fructo come-se e é fructo—2—1.

BENJAMIM CRUZ.

Charadas semi-mathematicas

Povoação—á+a=rio.—1
Cidade—ts+=povoação.—2
Cidade—o+a=rio.—2
Rio—l+n=ilhota.—2
Povoação—l+n=rio.—2
Parenta—n+l=sacco.—2

Evora 89.

AMERICO V. VILHALVA.

Decifrações

DAS CHARADAS: Recruta:
Iro=Ira
Ipa=Ipu
Ituê=Itu
Isa=Ise
Yu=Yu
Ipe=Ios
Ivi=Iki
DO LOGOGRIFO: —Providencias.

A RIR

Um actor, que tem feito muitas viagens artisticas, e que passa por ser grande inventor de patranhas, contava que estivera n'uma terra do Minho, tão saudavel, que não havia idéa de ter morrido lá ninguem.

—O que? Ninguem, ninguem?

—Uma unica pessoa, o medico. Morreu de fome.

De uma viuva que se ia casar, disse alguem:

—São todas como lenha verde: choram por um lado, e ardem pelo outro.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA CONSERVAR A CARNE

N'um almofariz pisam-se as seguintes substancias:

Sal de cosinha.....	8 partes
Salitre.....	1 parte
Acido salycilico.....	1 »

Esfrega-se a carne com esta mistura, e assim se conserva.

DOMESTICA

E' um quadro encantador;
Deleita, seduz, inspira!
Parece que se respira
Ali o amor!

A mãe cose o enxoval
A' noite, junto á lareira,
N'uma soberba cadeira
Patriarchal.

No chão, os dois pequenitos,
Entre si, muito a recato,
Fazem seu o mundo abstracto
Dos seus bonitos.

O pae, estendido n'umas
Cadeiras, emquanto cose
A mulher, toma uma dose
Do pae Dumas.

O gato, junto do forno
Cujo ambiente vae gozando
Ainda assim meio morno,
Dorme, roncando...

E sobre o lume, acolá
Em comprida choradeira,
A agua, n'uma chaleira
Ferve p'ro chá...

CARLOS SERTORIO.

O JUBILEU DA SCIENCIA

E viva a sciencia! Eis a exclamação que troveja das arcas de todos os peitos dedicados n'este extraordinario fim de seculo. O citado Pelletan produziu a genialissima phrase «le monde marche,» phrase que o maior espirito do seculo XIX, o sr. Prudhomme, imitou, quando affirmava com desmedida convicção e inalteravel ousadia, á semelhança d'um seu antecessor, o poeta Boileau, «que um gato era um gato». Mas ha melhor. O sympathico Ernesto Renan, esse *puding* aguado de filandrosas ramificações, apromptou um livro—*O Futuro da Sciencia*. E' certissimo que n'este livro virá explicada e esmiuçada a nova invenção do doutor Jones Bulve, o illustre sabio americano. Trata-se, leitor, de tornar o homem mais feliz e progressivo. Mas, recapitulando:

—Hontem, o celebre Edison mostrava-nos quasi concluido o processo do prolongamento da vida por meio da substituição do coração por uma machina electrica.

Ha pouco, tambem, o doutor inglez Herbert Soudol forneceu para alguns paizes umas caixas em que vinham empalhados uns bonecos com todos os movimentos e apparencias exteriores, inherentes á especie humana. Estes automatos destinam-se, segundo a confissão do proprio inventor, a levantar o credito financeiro do paiz que encommenda algumas caixas das figuras. O doutor Soudol carimba-as com estas palavras:

«Caixas de homens de cifras. Bonecos automatos, animados dos sentimentos e dos movimentos dos financeiros, muito uteis para levantar o credito das nações quasi arruinadas. Trabalham em toda a parte. Mandam-se amostras ao governo que as encommendar.»

Portugal.—Isto é confidencia—tem em uso uma caixa dos homens de cifras. Elles já funccionam.

Que o leitor, preparado desde já para a revelação estranha, me permitta ainda uns prolegomenos:

*

Um dos homens mais genialmente nullos d'este seculo, foi, sem duvida alguma, o incomparavel Saint-Marc de Girardin, da academia franceza. Este ser de bom senso é o auctor da celebre maxima: «sejamos mediocres», que elle adoptou para uso seu e da sua epoca. N'esta enorme orchestra da mediocridade ha uns desafinadores justamente desprezados e insufficientemente perseguidos. São os homens de talento.

O dr. Bulve — curvemo-nos! propõe-se nem mais nem menos do que a livrar a humanidade d'estes medonhos doentes, felizmente pouco contagiosos. Previu o caso rarissimo—tão raro como um caso do lepra—de apparecer um homem de genio, e o dr. Bulve, pelo seu processo, expurgará intemeratamente a humanidade de semelhante gangrena. O apparelho do illustre homem de sciencia nivella a humanidade; eguala-a; socega-a; descança-a; alegra-a.

Todos serão eguaes—porque ninguem terá o talento para se separar dos outros, excedendo-os. E viva a sciencia!

E vós, raros doentes, que vos julgaes incuraveis, talentos deslocados n'este collossal seculo genialmente nullo, rejubilae de esperança! O dr. Bulve, o moderno homem grandioso, arrancar-vos-ha sem dôr—como a promessa de um dentista—o talento.

Para vós, não mais haverá a impaciencia da hora, a eterna traição da mulher, o isolamento do incomprehendido, o subornar do metal, a ficção do amor, o requinte do goso, o pessimismo do tempo. Não. Tudo se aplainará. Tudo será commum, vulgar, feliz.

Tenhamos, em poucas linhas, uma ideia do apparelho e sua applicação:

*

O dr. Bulve faz sentar o doente n'uma cadeira de molas, a [illegible]

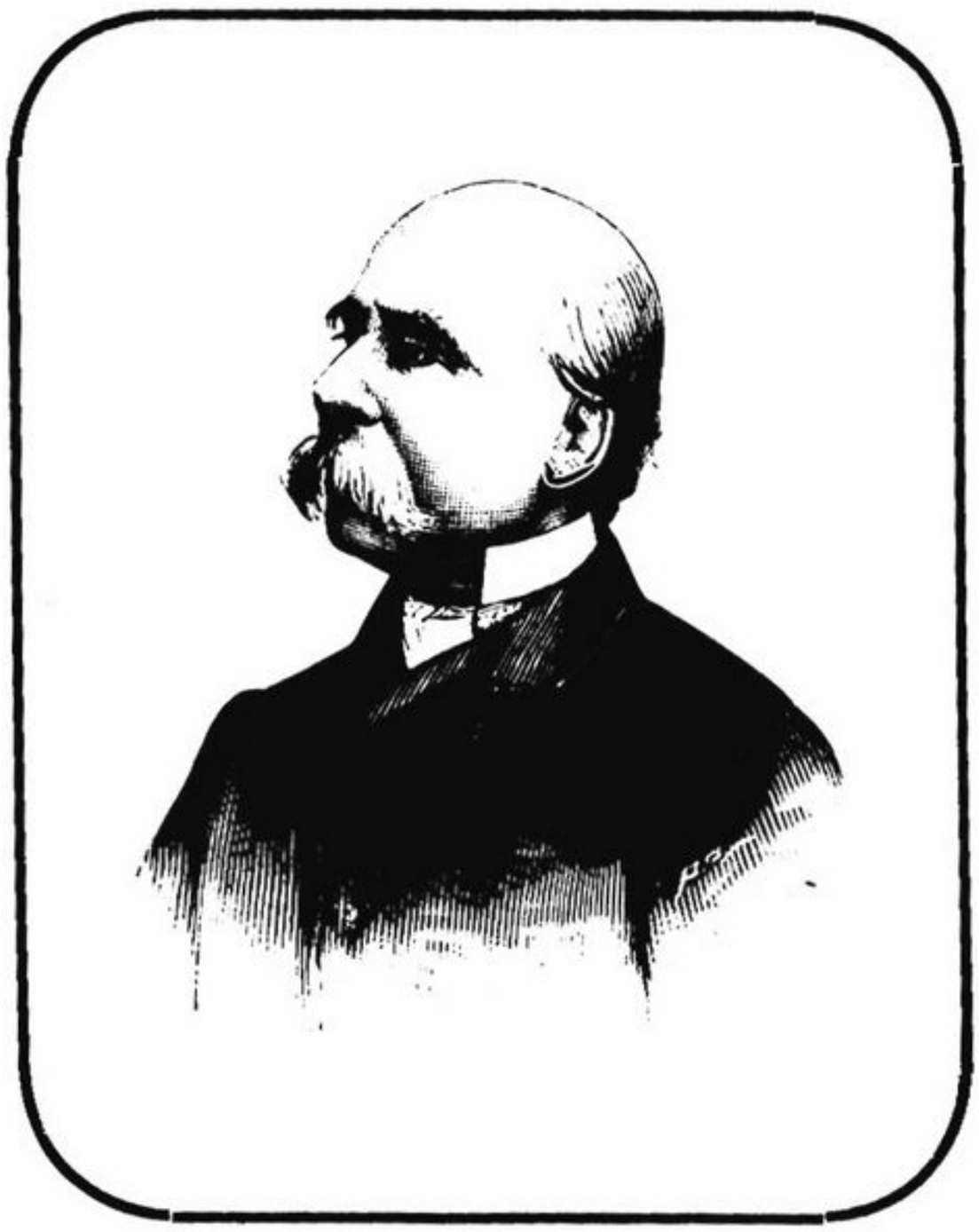
nhamos que o doente é um escriptor, justamente desprezado por possuir a enfermidade alludida. O dr. Bulve, começa por fazer-lhe uma especie de exercicios espirituaes. Diz-lhe talvez isto:

«Creio que não tenho a felicidade de lidar com um esperançoso escriptor da escola do bom senso.

Se o sr. fosse esse esperançoso ente, era signal de que (consinta-me o elogio) não possuia talento algum, e n'este caso—que em breve se ha de dar, espero—o sr. não tinha que sentar-se n'essa cadeira.

E' um enfermo, um deslocado, um tresloucado que ousa descarrillar dos *rails* que levam a locomotiva (permitta me estas imagens de bom senso) da humanidade, e que se chamam as opiniões communs. O sr. é litterato. Estou-lhe prevendo os crimes. Cita talvez a miudo Victor Hugo—esse grande escriptor que o bom senso tambem admira.

Mas o sr. cita o porque lhe leu os versos, ao passo que o bom senso o admira, como o sr., mas pela razão inversa:—porque lhe não leu uma linha. A escola de bom senso, isto é, a unica que póde dar dinheiro ao escriptor do seculo XIX, não



ANTONIO PEREIRA DA CUNHA

cita nem admira senão os escriptores que não leu. Excepção feita ao admiravel Ponsard, que para nós não é apenas um sublime poeta sem talento, é um evangelista. Talvez não admire Eugéne Scribe, Sardou, Halévy e outros apostolos denodados do *util* e *interessante* na litteratura.

Arrependido de tudo é que o sr. se vem sujeitar ao meu tratamento infallivel. Comecemos portanto.»

E aqui, o sr. Bulve envolve a cabeça do padecente n'um capacete metallico, communicando com uns fios de correntes electricas. Tac! Tac!

Dois medonhos choques, que fazem estremecer a victima no seu banco de supplicio, dão-lhe morte certa á vida do cerebro: —o talento. O alliviado conserva durante alguns minutos a cara em horriveis contracções, em rugas esverdeadas sob o cruzar continuo de um fogo de faiscas electricas.

Inutil será dizer que me não é permittido entrar em promenores.

O sujeito, apenas subido da cadeira, depois de passado o atordoamento do horrivel choque, sente-se bem disposto, leptido, [illegible]